



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - DO
CURSO DE PEDAGOGIA

HOSANA VELOSO PEREIRA

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO 2º ANO: prática
indissociável no processo de ensino aprendizagem**

Campina Grande-PB
Nov/2012.

HOSANA VELOSO PEREIRA

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO 2º ANO: prática
indissociável no processo de ensino aprendizagem**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de graduação de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof^aDr^a Maria José Guerra

**Campina Grande-P
Nov/2012**

P436a Pereira, Hosana Veloso.
Alfabetização e letramento no 2º ano
[manuscrito] : prática indissociável no processo
de ensino aprendizagem / Hosana Veloso Pereira,
2012.
43 f. : il. color

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso
(Graduação em Pedagogia) - Universidade
Estadual da Paraíba, Centro de Educação,
2012.

“Orientação: Profa. Dra. Maria José Guerra,
Departamento de Pedagogia”.

1. Educação Infantil 2. Alfabetização 3. Letramento I.
Título.

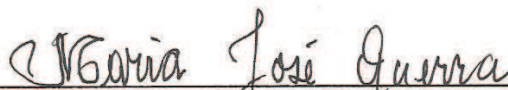
21. ed. CDD 372.6

HOSANA VELOSO PEREIRA

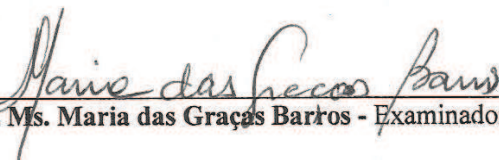
**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO 2º ANO: prática
indissociável no processo de ensino aprendizagem**

Aprovada, em 30 de novembro de 2012.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr.^a. Maria José Guerra - Orientadora - CEDUC/DE/UEPB



Prof. Ms. Maria das Graças Barros - Examinadora - CEDUC/DE/UEPB



Prof. Esp. Christinne Ferreira Silva Oliveira - Examinadora - CEDUC/DH/UEPB

Campina Grande - PB
Nov /2012

Agradecimentos

Primeiramente, a **Deus** a quem sempre me apeguei nos momentos difíceis.

A professora **Dr^a Maria José Guerra** pela orientação e dedicação.

A minha irmã **Telma**, espelho de vida, que sempre esteve do meu lado em todos os momentos, me aconselhando e ajudando, principalmente no decorrer desses quatro anos.

Ao meu marido **Edson**, pela compreensão, e por está do meu lado me dando força, e por não me deixar desistir.

A minha mãe **Edileusa** (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, sempre esteve presente em meu pensamento, lembrando-me de seu exemplo como pessoa, mãe e professora.

Ao meu pai **João Vieira**, minha avó **Maria Carlos** e a minha tia e madrinha **Socorro** por sempre me encorajarem.

A minha prima e amiga **Rosa**, que contribuiu com seu incentivo para o meu ingresso na Universidade.

Aos meus irmãos, sobrinhos, amigas, colegas de trabalho, cunhado, em fim a todos aqueles que contribuíram de forma direta e indireta, para minha formação.

RESUMO

O presente estudo aborda a prática de ensino e aprendizagem envolvidos nos processos de alfabetização e letramento, visando identificar como tais processos podem ser trabalhados de forma articulada e contribuir para o desenvolvimento linguístico da criança. Além disso, busca identificar e analisar os tipos de prática que a professora utiliza para o desenvolvimento no processo de aquisição da linguagem oral e escrita e, se ambos, decorrem a partir de práticas sociais do uso da linguagem. A pesquisa foi realizada na sala de aula do 2º ano, com uma turma formada por 12 alunos de uma escola pública, na zona rural do município de Queimadas-PB, Brasil. Contudo, para a dimensão desse Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, a análise é de apenas uma amostra de três alunos com idade entre 8 e 9 anos. A partir da temática em estudo buscou-se dialogar com alguns estudiosos, tais como: Soares, Rojo, Tfouni, dentre outros, que discorrem sobre o assunto. Adotamos a pesquisa qualitativa de perspectiva etnográfica, a qual se justifica mediante sua relevância social e interesse pelo estudo do tema e, um aprofundamento teórico a cerca dos conceitos de alfabetização e letramento para o pedagogo em, sua formação inicial, bem como contribui para uma reflexão por parte dos profissionais da educação, em torno da aquisição da leitura e escrita pelas crianças dos anos iniciais do Ensino fundamental. Os dados empíricos são apresentados e analisados em dois momentos que denominamos de aula e conversa informal. O resultado dos dados sinaliza para a compreensão de que mesmo o aluno dos anos iniciais demonstrando deficiência em algumas das quatro habilidades básicas da linguagem como: ouvir, falar, ler e escrever, quando orientado, pedagogicamente, pelo professor pode surpreender, com suas idéias na elaboração de suas atividades falada ou escrita, orientações estas que se dão através de situações reais, tanto por meio da escrita quanto da oralidade, promovidas por práticas que possam de fato, superar possíveis dificuldades enfrentadas pelos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização. Letramento. Prática educativa.

ABSTRACT

This study addresses the practice of teaching and learning processes involved in literacy and literacy, to identify how such processes can be worked in a coordinated manner and contribute to the child's linguistic development. It also seeks to identify and analyze the types of practice that the teacher uses to develop in the process of acquisition of oral and written language, and if both derive from the social practices of language use. The research was conducted in the classroom 2nd year, with a graduating class of 12 students at a public school in the rural town of Burnt-PB, Brazil. However, to the extent that Labour Course Conclusion - TCC, the analysis is only a sample of three students aged 8 and 9 years. From the thematic study sought to talk to some scholars, such as: Soares, Rojo, Tfouni, among others, that discourse on the subject. We adopt the perspective of ethnographic qualitative research, which is justified by its social relevance and interest for the study of the subject, and a deepening of theoretical concepts about literacy and literacy for teacher in their initial training, as well as contributes to a reflection by education professionals around the acquisition of reading and writing by children from the early years of Primary school. Empirical data are presented and analyzed in two stages we call classrooms and informal conversation. The result of the data signals to the realization that even the early years of the student demonstrating deficiency in any of the four basic language skills such as listening, speaking, reading and writing, when oriented, pedagogically, the teacher can surprise with his ideas on development of their spoken or written activities, guidelines that go through these real situations, both through written and the oral, promoted by practices that can actually overcome possible difficulties faced by students.

KEYWORDS: Literacy. Literacy. Educational practice.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
1.1 ALFABETIZAÇÃO/LETRAMENTO E A LEITURA COMO OBJETO DE ENSINO....	11
CAPÍTULO 2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	22
2.1 TRAÇANDO OS ELEMENTOS DO PERCURSO	22
CAPÍTULO 3 – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	24
3.1 SOBRE AS AULAS PESQUISADAS NO DIÁLOGO PROFESSORA/ALUNOS.....	24
3.2 CONVERSA INFORMAL ENTRE ALUNA PESQUISADORA, PROFESSORA E OS TRÊS ALUNOS DA ESCOLA PESQUISADA.....	37
3.2.1 <i>O processo de aquisição da linguagem e da escrita do aluno do 2º ano, no dizer da professora.....</i>	38
3.2.2 <i>O que lê um aluno do 2º ano dentro/fora da escola, a partir do dizer do aluno pesquisado.....</i>	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43

INTRODUÇÃO

Através desse estudo, buscamos compreender como ocorre o processo de aquisição da leitura e da escrita em sala de aula com alunos dos anos iniciais do ensino fundamental I. Tal estudo foi motivado por perceber em meus alunos do 4º ano, de uma escola municipal da zona rural do município de Queimadas PB, a qual exerço a função como professora, grandes dificuldades em relação à leitura e conseqüentemente a produção escrita e oral. Instigadas por essa inquietação e acreditando que, é desde os anos iniciais de ensino que tais aspectos devem ser considerados e trabalhados para superar possíveis dificuldades, que buscamos pesquisar e estudar a temática “Alfabetização e letramento no 2ºano: prática indissociável no processo de ensino aprendizagem”.

Respaldadas em autores que discorrem sobre o assunto, este trabalho busca ressaltar a grande necessidade de promover um ensino voltado para as práticas de alfabetização e letramento, visto que ambos os conceitos caminham juntos, enfocando uma aquisição do código escrito a partir das práticas sociais com as quais os alunos têm contato fora da escola, nesse sentido, não basta ao indivíduo decodificar apenas algumas palavras soltas, uma vez que, a cada dia a sociedade torna-se mais exigente em relação ao uso da escrita, exigindo do sujeito não somente o uso, mas também a compreensão das mais diversificadas práticas letradas.

Nesse sentido, acreditamos que uma aprendizagem efetiva e significativa se dá por meio da interação entre alfabetização e letramento. Conforme comentado anteriormente, esses dois conceitos se somam, enquanto o primeiro ocupa-se da aquisição do sistema da escrita e da leitura, ou seja, da decodificação e da codificação, o segundo, diz respeito aos aspectos sócio-históricos de uso das práticas sociais desse sistema escrito na sociedade. Daí a grande importância de trabalhar esses conceitos de forma indissociável, pois, o desenvolvimento do ensino-aprendizagem tem a ver com a maneira como ocorre a aproximação entre a criança e o mundo letrado, e esse encontro deve acontecer de forma que a criança encontre na leitura, compreensão, sentido, diversão, fantasia e acima de tudo prazer, constituindo-se, em um leitor que conhece as funções da língua escrita e, sabe fazer uso dela.

Nessa perspectiva, os nossos objetivos em relação a essa pesquisa são os seguintes:

Geral:

- Compreender como se dá o processo de ensino aprendizagem, através de práticas que envolva os processos de alfabetização/letramento, e como estas contribuem para o desenvolvimento linguístico de alunos do 2º ano dos iniciais.

Específicos

- Identificar nas atividades de ensino aprendizagem, os tipos de práticas pedagógicas utilizada em sala de aula e, se ambas decorrem de práticas letradas promovendo o desenvolvimento dos alunos de 2º ano;
- Desenvolver, estratégias, a partir da intervenção do pesquisador, para criar situações em que as crianças façam uso da linguagem oral e escrita, de forma lúdica e prazerosa;
- Analisar os tipos de práticas de ensino que estão relacionadas aos conceitos de alfabetização e letramento para deles encontrar o papel social que ambas desempenham no desenvolvimento linguístico da criança.

Partindo desses objetivos buscamos uma escola pública do município de Queimadas/PB, para a realização do nosso estudo, que ocorreu durante o mês de outubro de 2012, numa turma do 2º ano do ciclo inicial.

Adotamos para o presente trabalho uma metodologia qualitativa de cunho etnográfico utilizando desde a pesquisa bibliográfica até a pesquisa de campo em sala de aula, inclusive também fizemos uso do instrumento questionário, como um meio de alcançar através de pergunta/resposta dados para nossa pesquisa, durante uma conversa informal tanto com a professora da turma de 2º ano, sobre as práticas de ensino que utiliza, quanto com os três alunos, no intuito de melhor compreender como esses alunos fazem o uso das práticas sociais do letramento dentro/fora do ambiente escolar.

Introduzimos o texto com a temática - “*Alfabetização e letramento no 2º ano: prática indissociável no processo de ensino aprendizagem*” - e, em seguida o organizamos, a partir de três capítulos. No **Capítulo 1** onde tratamos da Fundamentação Teórica centrada nos seguintes temas centrais: Alfabetização/letramento e a leitura como objeto de ensino. O **Capítulo 2** no qual fornecemos os **Procedimentos Metodológicos** no intuito de traçar os elementos do percurso. E, finalmente, no **Capítulo 3** apresentamos a análise dos dados com base em duas variáveis - as aulas pesquisadas no diálogo professora/alunos e a conversa informal entre aluna pesquisadora, professora e os três alunos da escola pesquisada. Por fim,

nas **Considerações Finais** trazemos o resultado de nosso estudo reconhecendo que nosso objetivo foi alcançado, onde identificamos as práticas pedagógicas utilizadas em sala de aula, como também como elas refletem na aprendizagem da criança de 2º ano, e, em seguida, apresentamos o **Referencial Bibliográfico** consultado para os limites do estudo, em questão.

CAPITULO 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 ALFABETIZAÇÃO/LETRAMENTO E A LEITURA COMO OBJETO DE ENSINO

O trabalho com a leitura e a escrita na escola como sabemos, é desenvolvido através das práticas de alfabetização e letramento. É através desse processo que a criança passa a conhecer as práticas escritas da sociedade, presentes em seu cotidiano. Porém, como nos afirma Tfouni:

Apesar de estarem indissolúvel e inevitavelmente ligados entre se, escrita alfabetização e letramento nem sempre têm sido enfocados como um conjunto pelos estudiosos. Diria inicialmente que a relação entre eles é aquela do produto e do processo: enquanto os sistemas de escrita são um produto cultural, a alfabetização e o letramento são processos de aquisição de um sistema escrito (Tfouni, 2004, p.9).

Mesmo ligados, ou seja, indissociáveis no processo de ensino aprendizagem da criança, tanto a alfabetização como o letramento têm entre si uma relação de produto e de processo. Através dos processos de alfabetização e letramento a criança passa a compreender e fazer uso dos sistemas de escrita que são entendidos como um produto sócio-histórico-cultural, que ao longo do tempo vem sendo construído e que está presente em nossa vida constantemente, através de diferentes situações e cada vez mais indispensável nas relações sociais.

Neste contexto podemos compreender a alfabetização e o letramento, como processos de aquisição de um sistema escrito, que associados podem promover uma melhor e eficaz aprendizagem e por tal motivo é indispensável que seja trabalhado desde os primeiros anos da criança na escola, para que possa se familiarizar e compreender as funções da escrita na sociedade, para nossos alunos desenvolverem o gosto pela leitura é necessário que compreendam e vejam sentido naquilo que está escrito. Desse modo, é importante que o professor facilite o contato do aluno com diferentes gêneros textuais, tendo em vista que é a partir do texto que devem ser trabalhadas as habilidades de leitura, começando sempre por aquilo que é mais familiar ao aluno, para assim fazer a relação daquilo que já conhece com um novo conhecimento, e possa melhor compreender, e mesmo que a criança ainda não esteja alfabetizada, isso não impede que esse trabalho seja realizado, isso por que, quanto mais

contato ela tiver com ambientes letrados, mais rápido desenvolverá as habilidades ligadas aos aspectos da linguagem.

O desenvolvimento das capacidades linguísticas de ler e escrever, falar e ouvir com compreensão, em situações diferentes das familiares, não acontece espontaneamente. Elas precisam ser ensinadas sistematicamente e isso ocorre, principalmente, nos anos iniciais da Educação Fundamental (Doc. Proletramento, 2008, p.14).

Não podemos esperar que a criança torne-se alfabetizada, para então lhe apresentar o texto, pelo contrário seria muito enriquecedor que fosse alfabetizada a partir de diferentes gêneros textuais. Mesmo que a criança ainda não domine o código escrito, é capaz de reconhecer a função social de diferentes gêneros familiares a ela. Enfocando o trabalho pedagógico nessa perspectiva é possível superar práticas tradicionais e mecânicas, nas quais o professor, de forma linear inicia o trabalho de ensino pelas letras, sílabas, palavras, frases e por fim o texto, sendo este, de forma solta e sem significados para os alunos, visando apenas à decodificação.

Sabemos que tais práticas trazem consequências no desenvolvimento cognitivo das crianças, limitando-as de desenvolver outros aspectos que envolvem a leitura que consequentemente serão cobradas mais adiante, seja pela própria escola, seja pela sociedade. Por tal motivo o ato do ensinar a ler e a escrever deve envolver o pensar sobre a escrita, ou seja, pensar o que a escrita representa e como ela representa graficamente a linguagem, bem como se apresenta nas mais variadas situações sociais.

A leitura passa, primeiro a ser enfocada não apenas como um ato de decodificação, de transposição de um código (escrito) a outro (oral), mas como um ato de cognição, de compreensão, que envolve conhecimento de mundo, conhecimento de práticas sociais e conhecimentos linguísticos, muito além dos fonemas (Rojo, 2009. p 77).

A leitura para Rojo 2009, como vemos, não se concretiza apenas em situações que envolvem a decifração daquilo que está escrito, porém é muito mais abrangente, visto que decodificar algumas palavras já não é o suficiente para tornar o indivíduo alfabetizado, pois com as grandes exigências tanto sociais quanto políticas com as quais nos deparamos atualmente e de maneira crescente, torna-se necessário compreender essa leitura, no contexto em que está inserida e, principalmente suas funções. É neste contexto em que se encaixa o letramento enfocando práticas sociais que fazem parte do cotidiano do aluno.

O processo de aquisição da língua escrita, antes centradas em práticas de codificação e decodificação, cede lugar ao texto e a reflexão, numa perspectiva diversificada e enfocando práticas sociais múltiplas que circulam socialmente. Porém não se pode esquecer, ou deixar de lado, o processo de alfabetização indispensável na prática de leitura e escrita, é preciso compreender que alfabetização e letramento são processos distintos cada qual merece muita atenção, contudo um depende do outro para uma eficaz aprendizagem. Nessa perspectiva, não só o professor, como também todos os profissionais da educação devem refletir sobre o processo de ensino aprendizagem de nossas crianças, superando práticas tradicionais, promovendo um ensino reflexivo e pautado nas funções sociais da língua escrita, que possa suprir possíveis dificuldades, em relação ao ensino no contexto escolar.

Sabemos que ainda são muitas as dificuldades enfrentadas pelos professores em sala de aula a cerca da aquisição da linguagem escrita pelos alunos, como nos mostra os resultados da avaliação nacional SAEB (Prova Brasil) que revela baixos resultados no que se trata da alfabetização das crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental, mostrando que as crianças demonstram baixo nível de compreensão da linguagem escrita. Sabendo que tal avaliação (Prova Brasil) trata de descritores que avaliam principalmente a capacidade linguística das crianças, a qual não se busca saber apenas se essas crianças conhecem o código escrito, mas se compreendem e sabem fazer uso da escrita de forma autônoma, o que nos evidencia que apesar de muitas discussões em torno da questão do “alfabetizar letrando” tal proposta ainda não se efetiva concretamente na maioria das escolas.

Acreditamos que uma das formas de enfrentar e superar as dificuldades, em relação ao ensino da língua está relacionado com um trabalho efetivo voltado para a compreensão das práticas letradas como já discorremos anteriormente. Por isso, é necessário conhecer e compreender o que é alfabetização e letramento e como ambos, podem ser trabalhados de forma a promover o desenvolvimento linguístico de nossas crianças, desenvolvendo diferentes habilidades e tendo contato com os diversos gêneros textuais que circulam socialmente e que infelizmente muitos alunos desconhecem o que acarreta grandes dificuldades em se tratando da assimilação desse código escrito gerando frustração e reprovação.

Essa dificuldade se expressa com clareza nos dois gargalos em que se concentra a maior parte da repetência: no final da primeira série (ou mesmo das duas primeiras) e na quinta série. No primeiro por dificuldade em alfabetizar; no segundo, por não conseguir garantir o uso eficaz da linguagem, condição para que os alunos possam continuar a progredir até, pelo menos o fim da oitava série (PCNs, 2007, p.19).

Como podemos comprovar através dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), as grandes dificuldades em sala de aula são principalmente na primeira e quinta série, pois, na medida em que a criança não consegue compreender tal processo no início de sua alfabetização, essa dificuldade pode não ser superado na série posterior acarretando inúmeros problemas de aprendizagem, e conseqüentemente o ingresso no fundamental II pelo aluno levando consigo tais dificuldades. Muitas vezes saem da quinta série sem mesmo dominar plenamente as práticas de leitura e escrita. E como já vimos, em nossa sociedade atualmente não basta apenas ser alfabetizado, mas participar de forma ativa das práticas de leitura e escrita que cada vez tornam-se mais complexas.

Nesse contexto é preciso repensar as práticas de alfabetização presentes em nossas escolas, e promover de fato para nossas crianças um ensino que garanta não só a aprendizagem da leitura e da escrita, mas também a reflexão e a compreensão de tais processos, talvez a partir do que significa alfabetizar.

Nesse sentido o termo “alfabetizar,” no dicionário de Ferreira (1999, p. 93) [de alfabeto + izar], verbo transitivo direto. Significa, pois: [1] Ensinar a ler. [2] Dar instrução primária. [3] Aprender a ler por si mesmo. Já o termo alfabetização [de alfabetizar + -ção], substantivo feminino. Conforme o mesmo dicionarista significa “ação de alfabetizar”.

Sobre o significado do termo *alfabetização* encontramos no livro “Conceitos de educação em Paulo Freire”, segundo as autoras Vasconcelos e Brito (2006, p.38),

ALFABETIZAÇÃO: Concebida pela escola tradicional como a capacidade de ler e escrever, o processo da alfabetização vai muito além do mero lidar com letras e palavras; pois representa a possibilidade de leitura ou decodificação do mundo, desmistificando e preparando os percursos em busca de elementos necessários a solidificação do conhecimento. A alfabetização é antes de tudo um meio para chegar a cidadania, para isso os símbolos, palavras e conceitos devem apresentar-se com significado histórico para o cidadão (Vasconcelos e Brito, 2006, p.38).

Através da citação podemos identificar uma visão de alfabetização que abrange não somente as técnicas de decodificar e codificação presentes nas escolas tradicionais, mas é enfocada como uma prática capaz de formar cidadãos críticos que compreendam além do código escrito as práticas letradas presentes na sociedade em que estão inseridos.

Segundo Maciel “a alfabetização é uma técnica de decifração que envolve um conjunto de processos biológicos, psicológicos e sociais complexos.” No qual tanto pesquisadores como professores consideram como alfabetizadas as crianças que saibam dominar o código escrito mesmo sem compreendê-lo.

[...], entender a leitura como técnica de decifração é reduzir o significado de leitura e não levar em conta que os símbolos gráficos traduzem uma mensagem que necessita ser compreendida por quem a lê. Se isto não ocorre o alfabetizado ou aprendiz pode desaprender a técnica da decifração. Dessa forma, pode-se desaprender a técnica da decifração (Maciel, 2009, p.50).

É necessário que nesse processo de apropriação do sistema escrito, além da discriminação de letras, sons e palavras, ou seja, da forma gramatical, possa-se compreender também o significado do que está escrito e, se isso não é possível, é por que de fato não houve aprendizagem, quando apenas decodificamos algo, com o passar do tempo isso pode ser apagado de nossa mente, da mesma forma acontece com o sujeito que se diz alfabetizado, mas que apenas decorou algumas formas gráficas, que com o tempo são esquecidas. Por isso é preciso compreender o processo e não memorizá-lo, como nos fala os PCNs:

[...] a alfabetização não é um processo baseado em perceber e memorizar, e, para aprender a ler e a escrever, o aluno precisa construir um conhecimento de natureza conceitual: ele precisa compreender não só o que a escrita representa, mas também de que forma ela representa graficamente a linguagem (PCNs, 2007, p.20).

Para Tfouni a alfabetização é compreendida como a apropriação de uma habilidade que se refere à escrita e suas práticas, que ocorrem na escola a partir de uma instrução formal, pertencendo assim ao âmbito individual, diferentemente de práticas de letramento que podem independe da escola, dando-se a partir do contato que o indivíduo tem com as mais diferentes práticas letradas.

A alfabetização refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para a leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem. Isso é levado a efeito, em geral, por meio do processo de escolarização e, portanto, da instrução formal. A alfabetização pertence, assim, ao âmbito do individual (Tfouni, 2004, p. 9).

Como podemos observar na fala da autora, a alfabetização, diferentemente do letramento, que se dá nas relações sociais, como já discutidos, decorre na medida em que o sujeito tem contato com o conhecimento sistemática da sala de aula, e se apropria das técnicas referentes á escrita e a leitura. São justamente, esses aspectos diferentes entre esses dois processos que os torna inseparáveis, onde um complementa o outro, para que dessa forma seja possível tornar o aluno capaz de compreender aquilo que está escrito, nas mais diversas

situações de comunicação, que seja capaz de conhecer o papel do escritor e do leitor e possa fazer uso dessas práticas em diferentes situações de seu cotidiano.

As pesquisas e práticas pedagógicas sobre o ensino da leitura e da escrita que tiveram lugar nos últimos anos indicam a impossibilidade de conceber o ensino de língua portuguesa somente como um processo de apropriação de um código. A escrita é um sistema de representação da linguagem e, portanto, é preciso compreendê-la na sua multiplicidade de funções e na sua forma de comunicação por meio de textos. (SAEB, 2009, p.11).

Muitas são as discussões em torno das práticas de alfabetização presentes em nossas escolas, visto que, tanto os professores enfrentam dificuldades para alfabetizar, como as crianças para compreender tal processo. Um dos grandes problemas que se busca superar em nosso país são os inferiores níveis das escolas públicas detectados pelas avaliações que examinam a capacidade de leitura e escrita dos alunos, como o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), como já citados anteriormente, mostrando que ao longo dos nove anos de escolarização dessas crianças e jovens muitos ainda não conseguem apropriar-se das práticas de leitura e interpretação da escrita, levando consigo tais dificuldades para o ensino médio e até posteriormente.

Acreditamos que esses baixos níveis podem ser superados a partir de um trabalho efetivo desde os anos iniciais que deixe de lado práticas tradicionais de alfabetização para que ao final do ensino fundamental I, o aluno seja capaz de dominar essas competências, além é claro da formação continuada dos professores para que possam compreender e refletir novas práticas que contribuam para a formação do aluno levando em conta o perfil social e cultural ao qual está inserido. Pois a cada dia exige-se mais que sejamos usuários competentes da escrita o que é condição para efetiva participação social.

Nesse contexto Mortatti 2004, p. 86, nos afirma que: “Hoje, em nosso país, [...] a palavra “alfabetização” ainda continua sendo de uso corrente, ressaltando-se o esforço de um conceito ampliado e diferenciado, sobretudo de acordo com as perspectivas construtivista e interacionistas.” A partir das palavras do autor, podemos compreender que o processo de alfabetização atualmente deve ser trabalhado a partir de uma perspectiva, onde o aluno faça parte desse processo, ou seja, ele é sujeito atuante da própria aprendizagem mediado pelo professor.

Porém sabemos que em muitas escolas ainda estão presentes no fazer pedagógico do professor concepções tradicionais que precisam ser superadas. É justamente a partir dessa necessidade de conceber uma alfabetização que vai além da decifração de símbolos gráficos

que aparece o termo letramento, onde em sala de aula se busca a associação desses dois processos na promoção de uma melhor educação.

Para que de fato o professor consiga alfabetizar letrando seus alunos, é necessário conhecer e compreender tais conceitos para que de fato possa colocá-los em prática. Neste sentido pode-se compreender que tanto a palavra quanto o conceito de letramento, com o sentido a que se destina atualmente são recentes e surgiram da necessidade de designar um termo para as práticas sociais do uso da língua escrita, pois, à medida que surgem novas demandas sociais envolvidas no uso da leitura e da escrita, vão-se exigindo o surgimento e o uso de novas palavras para designar tal fenômeno, e foi isso que ocorreu quanto ao surgimento do letramento. Tal conceito advém da palavra inglesa *literacy*, que vem do latim, e significa o estado ou condição de quem sabe ler e escrever, porém envolvidos em práticas sociais diferenciando-se de acordo com as práticas culturais, políticas, econômicas e cognitivas presentes em determinadas comunidades, modificando tanto a sociedade quanto o indivíduo.

Letramento (*literacy*) – A capacidade de ler e escrever de maneira eficaz. O letramento é a capacidade de ler e escrever, e isso parece bem simples. Mais não é. Entre os dois extremos constituídos pelo domínio magistralmente perfeito da leitura e escrita, de um lado, e pelo completo não-letramento, de outro, encontramos um número infinito de estágios intermediários: o letramento é gradual. [...] (Trask, R. L. apud Mortatti, 2004, p.46).

Magda Soares cita Mary Kato para nos dizer que, tal palavra chegou ao vocabulário da Educação e das Ciências Linguísticas em meados dos anos 80, através dos discursos de especialistas dessas áreas, conforme citação abaixo:

Uma das primeiras ocorrências está em livro de Mary Kato, de 1986 (*No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*, Editora Ática): a autora, logo no início do livro (p.7), diz acreditar que a língua falada culta “é consequência do letramento” (grifo meu). Dois anos mais tarde em livro de 1988 (*Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso*, Editora Pontes), Leda Tfouni, no capítulo introdutório, distingue *alfabetização* de *letramento*: Talvez seja esse o momento em que letramento ganha estudo de termo técnico no léxico dos campos da Educação e das Ciências linguísticas (Soares, 2010, p.15).

Apenas a cerca de dez anos é que o letramento tornou-se o centro de discussões a fim da compreensão dessa nova perspectiva sobre a prática social da escrita, sendo citado com diferentes sentidos e significados.

“Letramento”- Recentemente difundido, esse termo é de uso ainda restrito. Dele podem-se distinguir três sentidos principais:

Em primeiro lugar, remete a um conjunto de saberes elementares, em parte mensuráveis: saber ler, escrever, contar. É a significação contida nas publicações de vastas pesquisas internacionais, que buscam avaliar o nível de letramento dos países a partir de indicadores comuns. [...]

Em segundo lugar, o termo designa os usos sociais da escrita: trata-se de “aprender a ler, a escrever e a questionar os materiais escritos. [...]

Enfim, em um terceiro sentido, o letramento é concebido como uma cultura que se opõe à cultura da “orality” (ONG 1982). O termo remete a uma noção ampla de “cultura escrita”, a um universo de práticas e de representações característico da sociedade que utilizam a escrita. Estudar o letramento inclui analisar os usos da escrita, a divisão social dos saberes, os valores particulares veiculados pelo mundo letrado (Charaudeau apud Mortatti, 2004, p.47).

Como vivemos em uma sociedade cada vez mais dependente de práticas letradas, exigem-se, pois, também das pessoas uma maior compreensão e apropriação de tais habilidades. Tfouni (1997, p. 24), afirma que: “Segundo a perspectiva etnocêntrica, somente com a aquisição da escrita as pessoas conseguem desenvolver raciocínio lógico-dedutivo, a capacidade para fazer inferência, para solução de problemas etc.”. A partir de tais palavras podemos observar que tal perspectiva não considera uma pessoa que não domine o código escrito, ou seja, “analfabeta” capaz de possuir determinados conhecimentos de mundo, e de fazer uso do código escrito.

De encontro a essa perspectiva, Mortatti, 2004, p.107 afirma que: “No entanto, somente o fato de ser alfabetizado não garante que a pessoa seja letrada; e somente o fato de viverem em uma sociedade letrada não garante a todas as pessoas formas iguais de participação na cultura escrita.” Ou seja, não existem pessoas “iletradas”, mas níveis diferentes de conhecimentos (letramento), mas nunca um grau zero, pois, mesmo uma pessoa não sendo alfabetizada, ela pode ser capaz de refletir, concordar ou discordar de determinadas questões, como também conhecer as funções e fazer uso de práticas escritas com as quais tem contato em seu dia-a-dia, mesmo que de forma mais leiga.

Os estudos sobre o letramento, desse modo, não se restringe somente àquelas pessoas que adquiriram a escrita, isto é, aos alfabetizados. Buscam investigar também as consequências da ausência da escrita a nível individual, mas sempre remetendo ao social mais amplo, isto é, procurando entre outras coisas, ver quais características da estrutura social tem relação com os fatos postos (Tfouni, 1997, p. 21)

O letramento independe da alfabetização; mesmo uma criança que ainda não domina o código escrito convencionalmente, ou seja, que ainda não é alfabetizada, porém tem contato com diferentes situações em que a escrita esteja presente e sabe suas funções, possui determinado grau de letramento que dependerá das experiências vivenciadas por ela nas mais variadas situações de seu cotidiano. Quando se fala em graus de letramento podemos compreender que os eventos que envolvem tal processo são plurais, conforme nos fala Mortatti:

Não existe, assim, um único tipo de letramento. Além de ser um *continuum*, em sua dimensão social, letramento é, sobretudo, um conjunto de práticas sociais em que os indivíduos se envolvem de diferentes formas, de acordo com as demandas do contexto social e das habilidades e conhecimentos de que dispõem (Mortatti, 2004, p.105)

Como já foi discutido, há diferentes níveis de letramento, que surgem e variam a partir da necessidade das demandas sociais e do indivíduo que é pressionado a adequar-se a tais demandas, como ao contexto social, cultural e político ao que está inserido.

Em se tratando do contexto escolar, nos voltando para a prática da leitura, esta é fundamental no dia-a-dia de sala de aula do professor seja em qual série for, pois é através dessa prática que o aluno passa a conhecer, compreender e fazer uso das práticas letradas presentes em seu cotidiano.

Na concepção interacionista, a leitura é entendida como um processo de produção que se dá a partir da relação dialógica que acontece entre dois sujeitos – o autor do texto e o leitor. É nessa dimensão dialógica, discursiva que a leitura deve ser experimentada, desde a alfabetização, como um ato social em que o autor e o leitor participam de um processo interativo no qual o primeiro escreve para ser entendido pelo segundo (Porto, 2009, p.24).

Mesmo que a criança ainda não seja alfabetizada, isso não impede que a leitura esteja presente em sala de aula, muito pelo contrario, essa é uma prática indispensável desde os anos iniciais de ensino, é a partir desse contato que será possível a construção de conhecimentos referentes ao ato de ler que se dá principalmente no contexto escolar, de acordo com a prática metodológica utilizada em sala de aula.

Ainda referindo-se ao encaminhamento didático- pedagógico que requer o trabalho escolar de professor e aluno em sala de aula com a leitura Silva (1993), assim, considera, que:

Em essência, a leitura caracteriza-se como um dos processos que possibilita a participação do homem na vida em sociedade, em termos de compreensão do presente e passado e em termos de possibilidade de transformação sociocultural futura (p.23).

(...) A leitura é, fundamentalmente, uma *prática social*. Enquanto tal, não pode prescindir de situações vividas socialmente, no contexto da família, da escola, do trabalho (Silva, 1993, p.47).

Neste contexto, é possível identificar a dimensão social a qual a leitura abrange, sendo uma “experiência individual” (Porto, 2009), que vai além da decodificação de sinais gráficos, daí a sua imensa importância no trabalho que envolve a alfabetização e o letramento.

Para que haja esse envolvimento e compreensão pela criança das práticas letradas, é necessário todo um planejamento por parte do professor, para proporcionar ao aluno um ambiente no qual ele tenha contato com os mais diversos gêneros, tendo a oportunidade de torna-se um sujeito atuante socialmente, capaz de relacionar suas experiências com o que está escrito fazendo a relação entre o texto e aquilo que lhe é familiar, sendo assim um sujeito ativo que atribui sentido, reflete e até critica aquilo que lê.

Para que tal proposta se concretize é necessário que a leitura, seja a base, ou seja, o centro de todo o processo de ensino aprendizagem, pois como sabemos muitas vezes tais aspectos são substituídos por uma gama de conteúdos e regras gramaticais, sem o menor sentido para as crianças, e o texto é trabalhado de forma mecânica resumido apenas a questionários de perguntas e respostas e localização de informações explícitas.

O texto é uma produção verbal (oral ou escrita), dotada de unidade temática, coerência argumentativa, coesão interna, cujo sentido é construído solidariamente por quem o produz, por quem o interpreta e pelo conjunto discursivo já existente na sociedade (Porto, 2009, p.18)

Para superar essa prática é preciso uma reorganização no ensino, que vise à compreensão do aluno, promovendo constantes e variadas situações em que eles questionando, levantem hipóteses, confrontem pontos de vistas e troquem idéias sobre o que leram, sempre com a mediação do professor.

Para Cafiero (2010, p.88) “ensinar a ler pressupõe ações sistematicamente orientadas com os diversos textos que circulam socialmente” esse ensino deve ser gradual, trazendo primeiro gêneros mais simples do cotidiano da criança para depois ir introduzindo outros mais complexos, desde que possibilite o contato do aluno com essa variedade textual. Pois ainda como nos afirma a autora citada acima, na medida em ocorre o desenvolvimento do conhecimento e compreensão da leitura desenvolve-se também a escrita, contribuindo dessa

forma para a ampliação do grau de letramento dos alunos, formando assim pessoas que possam atuar efetivamente como cidadãos críticos.

Para ajudar o aluno nessa compreensão, é sempre indispensável começar pelo resgate de seu conhecimento prévio, pois nem sempre os alunos têm os conhecimentos necessários para a compreensão de determinados textos, a partir desse diagnóstico o professor pode organizar estratégias de ensino e planejar suas aulas de forma a contribuir para o avanço dessa criança enquanto leitor, desenvolvendo o gosto pela leitura, e isso só será possível se ela compreender e encontrar sentido naquilo que ler.

Quando o assunto não é de conhecimento do leitor, ele não tem como relacionar as informações do texto com conhecimentos anteriores; como consequência, não vai compreender. Muitas vezes o aluno até consegue decodificar uma página inteira de texto, mas, quando o professor pergunta sobre o que ele leu, não é capaz de responder, por que não processou, não estabeleceu relações. Aula de leitura, então, começa com o acionamento ou mobilização de conhecimentos anteriores do leitor (Cafiero, 2010, p.86).

Para alcançar tal objetivo é necessário, sobretudo empenho do professor, pois tal proposta ultrapassa o livro didático, que em alguns casos é apenas seguido à risca. Não estamos querendo dizer que este deve ser deixado de lado, porém em seu planejamento o professor deve somá-lo a diferentes tipos de textos e gêneros textuais, selecionando tais materiais de acordo com o nível de conhecimento de seus alunos, para que efetivamente tornem-se letrados.

CAPITULO 2

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 TRAÇANDO ELEMENTOS DO PERCURSO

Para a realização desse estudo buscamos a metodologia qualitativa de natureza etnográfica que conforme André (2004, p.27) tem sua relevância para uma investigação sistemática do dia a dia escolar, a partir de três dimensões, como: [1] o encontro entre professor/aluno/conhecimento nas situações interacionais de sala de aula; [2] as relações construídas pelos agentes da instituição escolar, e por fim, [3] os fatores socioculturais mais amplos que afetam a dinâmica escolar. Daí o nosso interesse de pesquisar a temática alfabetização e letramento no 2º ano enquanto prática indissociável no processo de ensino aprendizagem.

Sujeitos da pesquisa

Constituem-se sujeitos da nossa pesquisa uma amostragem de *três alunos* cursando o 2º ano das series iniciais de uma turma composta de 12 alunos com faixa etária entre 8 a 11 anos, e a *professora* da turma (prestadora de serviço, possui o curso de pedagogia e tem 21 anos de experiência em sala de aula), de uma Escola Municipal da zona rural¹ do município da Queimadas/PB, Brasil.

Vale ressaltar que o prédio onde funciona a escola que escolhemos como campo de nossa pesquisa encontra-se em reforma. Nesse sentido as aulas e o programa governamental “Mais Educação” que também funciona no prédio, foram transferidos para uma fazenda que funciona como “Instituto”, lócus de nossa pesquisa.

Coleta de dados

Os dados da pesquisa de campo foram coletados em sala de aula, por meio de conversas informais, observações sistemáticas, registro de atividades realizadas entre professor e alunos, anotações no diário de campo, os quais se constituem no corpus dessa análise.

¹Por uma questão de natureza ética e com o cuidado de não expor o campo de estágio, deixamos de informar o nome da Escola pesquisada.

A escolha do campo de pesquisa se deu ainda, no semestre letivo 2012.1, mas a pesquisa só teve início, durante o mês de outubro, após selecionarmos uma amostra de três crianças de uma turma composta por 12 alunos do 2º ano dos anos iniciais, com faixa etária entre 8 e 11 anos de idade, ressaltando que os alunos que foram citados na pesquisa têm faixa etária entre 8 e 9 anos, onde uma é do sexo feminino e as outras duas crianças são do sexo masculino. Nosso objetivo foi verificar como ocorre o processo de alfabetização identificando práticas de letramento nesse processo, como também através de conversas informais, tanto com os alunos quanto com a professora a fim de identificar quais são as práticas pedagógicas presentes no dia-a-dia dessas crianças e se ambas decorrem a partir do letramento, contribuindo para uma melhor aprendizagem.

Para a transcrição das falas, seguimos as orientações de Marcuschi (1999) e adotamos algumas denominações como: para a Professora (**P**), na identificação dos Alunos enquanto uma amostra para a análise desse estudo tem-se (**A1, A2, A3**), ou ainda, na fala de outros alunos durante a aula adotamos para esses Alunos (**Ax1, Ax2, Ax3**), conforme trataremos a seguir, a partir de quatro aulas selecionadas onde uma delas será ministrada por nós pesquisadoras e, por fim, uma conversa informal de pergunta e resposta com a professora (saber quais as práticas de letramento que ela utiliza em sala de aula no 2º ano) e os três alunos (saber sobre o uso da leitura que ele utiliza na/fora da escola por cada um). Vejamos na sequência a nossa análise, a partir dos dois momentos:

CAPITULO 3

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Com um cronograma de duas semanas de aulas ininterruptas a professora pesquisada trabalha a temática “respeito”, numa turma do 2º ano, da zona rural do município de Queimadas/PB. Nesse sentido, conseguimos sistematizar para o limite da nossa pesquisa (Trabalho de Conclusão de Curso - TCC) o registro e a análise no diálogo entre professora/aluno de quatro aulas expositivas, cujo interesse era pesquisar questões relativas ao ensino/aprendizagem. Embora não se trate de um trabalho que vise a aspectos, propriamente, pedagógicos, temos a intenção de focalizar o que se passa no interior da sala de aula, voltando nossa atenção principalmente para as práticas de ensino, utilizadas pela professora no processo de ensino aprendizagem dos alunos de 2º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

3.1 SOBRE AS AULAS PESQUISADAS NO DIÁLOGO PROFESSORA/ALUNOS

Conforme mencionado na introdução, o objetivo dessa discussão é analisar a interação entre professor-aluno-objeto de conhecimento em aulas do 2º ano inicial, na qual começamos a construir um modelo didático, objetivando compreender como se dá o processo de ensino/aprendizagem, através de práticas de alfabetização/letramento, e como estas contribuem para o desenvolvimento de alunos dos anos iniciais.

Nessa construção levantamos três hipóteses, a saber: [a] o contexto da situação em sala de aula poderia ser realizado e beneficiado por meio das atividades de alfabetização ou, auxiliadas por meio das práticas de letramento e, [b] devem aparecer estratégias de ensino a que venha favorecer a criança fazer uso da linguagem oral e escrita, de forma lúdica e prazerosa; Tudo isso, nos conduz [c] a análise de possíveis conceitos de alfabetização/letramento e, conseqüentemente, sinalizam para o papel social que ambas desempenham no desenvolvimento linguístico das crianças do 2º ano.

AULA Nº 1: Data da coleta: 15/10/2012.

Apontando variáveis presentes, no processo da aula expositiva

Contexto-1:

A professora introduz a aula com uma acolhida rotineira [oração, e um cântico de boas vindas] e, em seguida, faz a correção da atividade de casa, inicialmente, através da oralidade, fazendo o aluno refletir sobre suas respostas, em seguida individualmente. Após esse momento, a professora escreve no quadro um pequeno texto envolvendo a temática sobre “respeito”.

-Transcrição do texto escrito no quadro pela professora

P Respeito
Respeitar é escutar
olhar nos olhos, ouvir os
outros, falar a verdade, ser amigo
e cooperativo. Respeitar
é reconhecer o valor de cada pessoa
e muito mais.
O respeito é tudo.

-Diálogo sobre o texto transcrito

Ax1 professora... tem parágrafo?
P vamos observar... A gente já trabalhou isto... Ele está escrito em um único parágrafo, é uma estrofe... Vamos fazer a leitura?

Como se observa no diálogo acima, um dos alunos da turma (**Ax1**), durante a escrita do texto que a professora está fazendo no quadro **Ax1** pergunta para a **P** sobre a estrutura do texto, como podemos observar no diálogo acima. Mas, a **P** usa de várias atividades como “observar”, refere-se a “trabalho já realizado anteriormente”. Diz que a forma do escrito é de estrofe elaborada, por um único parágrafo e, convida **Ax1** a fazer uma leitura do escrito, mas não fornece a resposta de que o aluno precisa saber.

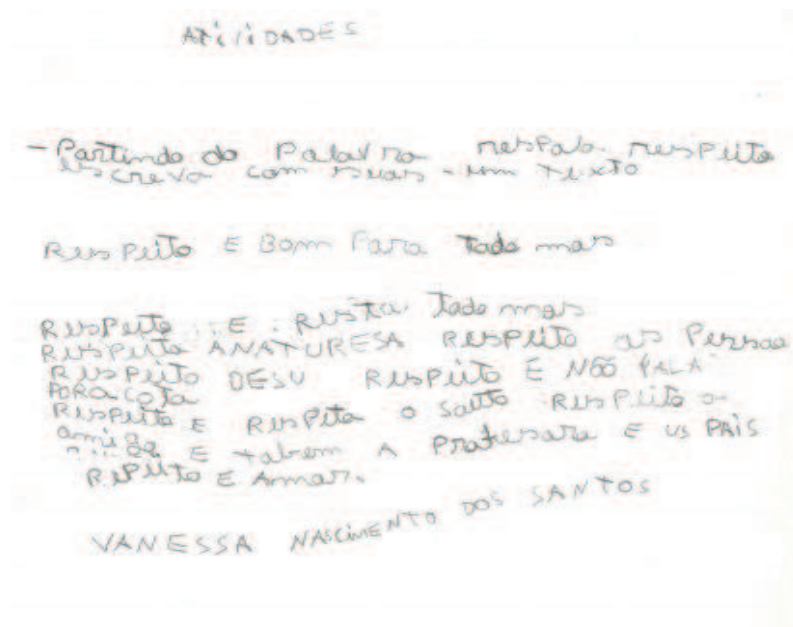
-Após a leitura coletiva do texto, a professora continua a fazer questionamentos:

P de que fala o texto ?
A12 de respeito...
P o que vocês entendem...por respeito?

- Ax2 não apelidar... não bater nos outros...
- A11 não falar pelas costas... não jogar lixo na rua...
- Ax3 respeitar os outros... respeitar a gente...

Com base na escrita do texto e discussão sobre o mesmo a professora faz o encaminhamento de uso da atividade escrita sobre a temática "respeito" na compreensão de cada aluno, conforme veremos a seguir.

-Texto original elaborado pelos alunos A1, A2 e A3 e, em seguida a transcrição do referido texto



“Respeito È Bom todo mas
 Respeito E Respeita todo mos
 Respeita A NATURESA Respeito as pessoa
 Respeito Deus Respeito E Não FALA
 POR a cota
 Respeito E Respeita o Souto Respeito o
 Amigo Etambém A profesora E us PAIS
 Repeito E Amor.” (A11, sexo: Feminino idade: 8anos)

Atividade

Respeito da Palavras Respeito, respeito
 com suas, um tato

Respeitar as pessoas
 Respeitar deus e Respeitar as plantas
 Respeitar todo mundo Respeitar os Animais

Palavras conhecidas
 de Lima

“Respeitar as pessoas
 Respeitar deus, e Respeitar as plantas
 Respeitar todo Mundo, Respeitar os
 Animais” (A12, sexo: masculino, idade: 8anos)

Atividade

Respeito da Palavras Respeito, respeito
 com suas, um tato

Respeitar as pessoas

Respeitar as arvores

Respeitar os animais

Respeitar os passarinhos

Respeitar, Deus

Respeitar as Professora

Respeitar, os pais

Respeitar todo Mundo

“Respeitar, as pessoas
 Respeitar, as arvores
 Respeitar, os animais
 Respeitar, os passarinho
 Respeitar, deus
 Respeitar, as professora
 Respeitar, os pais
 Respeitar todo Mundo” (A13, sexo: masculino idade: 9anos)

Com base nas ocorrências vivenciadas durante a **Aula-1** podemos verificar que em cada contexto tem-se o "funcionamento da linguagem" (Tfouni, 2004), no 2º ano dos anos iniciais, mediado pelos sujeitos pesquisados (professora e aluno).

A este respeito cabe ressaltar que entre as "práticas sociais de uso do letramento escolar" (Soares, 2003) a professora nos fornece três tipos de recursos muito comuns, em salas de aula de alfabetização como sendo: Transcrição do texto escrito no quadro pela professora, questionamento sobre o texto escrito e produção escrita na compreensão do aluno.

Quanto às práticas evidenciadas pelos alunos em sala de aula, vamos encontrar na elaboração dos textos por eles apresentadas diferentes concepções, inclusive como a "indissociabilidade" que o aluno nessa faixa etária possui, sobretudo na zona rural. Nesse sentido tanto a **A11** quanto o **A12** e **A13** tratam do termo "respeito" a partir de conhecimentos prévios que já têm introjetados ligados a atitudes que vivencia no dia a dia, com a família na escola ou mesmo em outro ambiente. Em relação à estrutura da produção do aluno, esta não se caracteriza como um gênero, sendo apenas frases soltas, mas que não fogem do modelo apresentado anteriormente pela professora, que nem mesmo apresentou um gênero textual para que os alunos seguissem, o que nos evidencia que a prática aplicada reflete na produção do aluno e conseqüentemente em sua aprendizagem.

Na produção dos alunos, suas escritas demonstram que conhecem claramente o sistema escrito, onde mesmo utilizando letras maiúsculas, junto com minúsculas, o que é natural nessa fase, as crianças utilizam também alguns dos sinais gráficos como a vírgula e o ponto final. Porém principalmente na produção do aluno **A13**, a escrita está organizada em uma sucessão de sentenças onde a palavra "respeito" é repetida sem coesão nem coerência, o texto é constituído apenas de frases soltas, neste caso podemos identificar que o aluno utiliza e escrita de forma mecânica, tal qual foi alfabetizado, pois, não escreve para expressar um pensamento ou criar uma situação, ele apenas transcreveu as palavras que ouviu na roda de conversa.

AULA Nº 2: Data da coleta: 19/10/2012

- Contexto-1:

A aula se inicia com uma acolhida rotineira, em seguida a professora faz a correção da atividade de casa. Para esta aula fez-se uso do recurso DVD, o qual apresentou as crianças

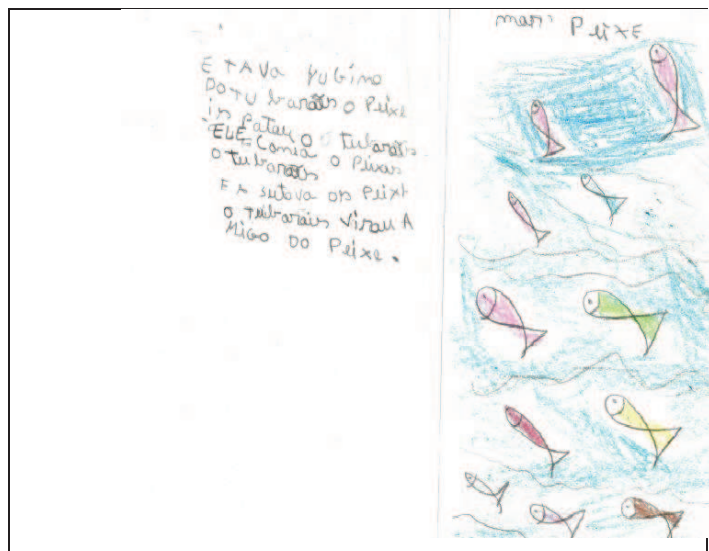
mostrando a capa e fazendo questionamentos sobre o mesmo. O filme utilizado pela professora foi: “O espanta tubarões”.

- Proposta de atividade realizada pela professora

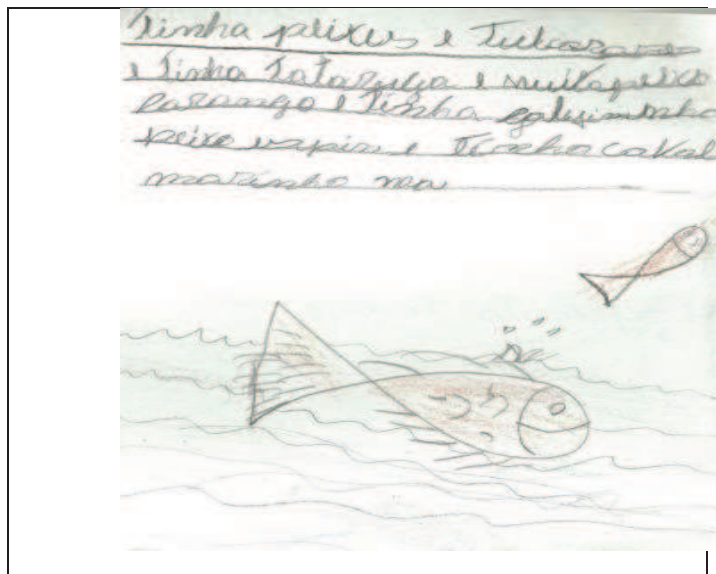
P. Prestem bastante atenção nas cenas do filme, pois, vocês vão escrever o que viram e compreenderam. E vão fazer uma ilustração bem bonita dos personagens que aparecem nele! Tá bom?

Após assistirem o filme as crianças produziram seus textos, mas como a professora não definiu o gênero que eles deveriam seguir nem estabeleceu critérios para a produção, a escrita das crianças fica limitada apenas em algumas frases, conforme descrito abaixo.

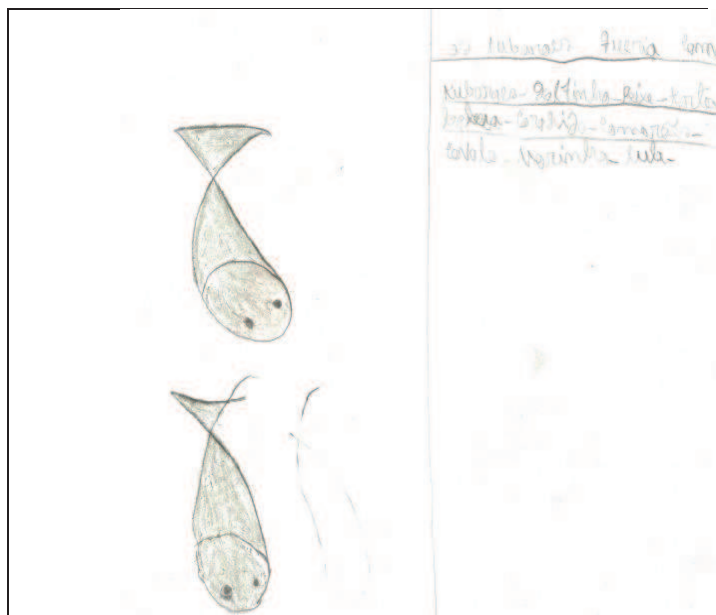
- Atividade original elaborado pelos alunos A1, A2 e A3, seguida da transcrição do referido texto.



*Estava fugindo
Do tubarões o peixe
Ispatou o tubarões
ELE comia o peixe
O tubarões
e a sutava os peixe
otubarois virou a
migo do peixe (A11, Sexo feminino 8 anos)*



Tinha peixe e tubarões
 E tinha tataruga e muito peixe
 Carango e tinha golfinho
 Peixe espin e tinha cavalo
 Marinho na (A12 sexo; masculino 8 anos)



os tubarões queria como os peixes
 tubarões-golfinho-peixe-tartaruga-
 balea-grogijo-camarões-
 Cavalo-marinho-lula (A13 sexo: masculino 9 anos)

Ao termino desta atividade os alunos apresentaram individualmente suas produções e ilustrações fazendo a leitura para a professora.

De acordo com as atividades realizadas pelos alunos durante a aula, podemos identificar que as práticas utilizadas pela professora foram às seguintes: Utilização do recurso DVD, produção escrita pelos alunos a partir do filme assistido e apresentação individual da atividade realizada através da leitura individual.

Nesta atividade as crianças tiveram liberdade para a partir do filme produzir seus textos, como podemos observar na escrita dos alunos, que optaram por descrever algumas das cenas do filme.

Ao analisarmos o desenvolvimento das atividades realizadas pela **A11**, podemos identificar que apesar da dificuldade com a escrita, em suas palavras há uma sequenciação dos fatos apreendidos pela aluna no decorrer da exibição do filme. Já na escrita do **A12** não é possível identificar nenhuma coerência nenhuma ligação entre os fatos, ele apenas descreve alguns personagens que identificou durante o filme, mostrando grande dificuldade em relação ao domínio da escrita, não conseguindo expressar-se. Na escrita do **A13**, foi onde percebemos maior dificuldade, pois ele busca usar o “hífen” para separar cada palavra o que nos remete a idéia de que este aluno não possui familiaridade com a estrutura de uma pequena narrativa. Além da separação das palavras a produção do **A13**, não traz nenhuma ligação entre ambas retratando através de sua escrita uma prática tradicional do processo de alfabetização, onde não são oferecidas as devidas orientações para a realização da atividade proposta.

Através das atividades dos **A11**, **A12** e **A13**, podemos evidenciar pelas imagens das atividades que apesar da dificuldade que ainda demonstram em relação ao código escrito, ambos possuem certo grau de letramento, uns mais do que outros, como sabemos existem diferentes níveis de conhecimento entre os alunos, mesmo sendo de uma mesma série, as vivências e experiências de mundo e o contato que cada criança tem com práticas letradas fora da escola influenciam bastante em relação à diversidade de conhecimentos que os alunos trazem consigo para a sala de aula o que se revela no conhecimento que demonstram através das atividades propostas.

AULA Nº 3. Data da coleta: 22/10/2012

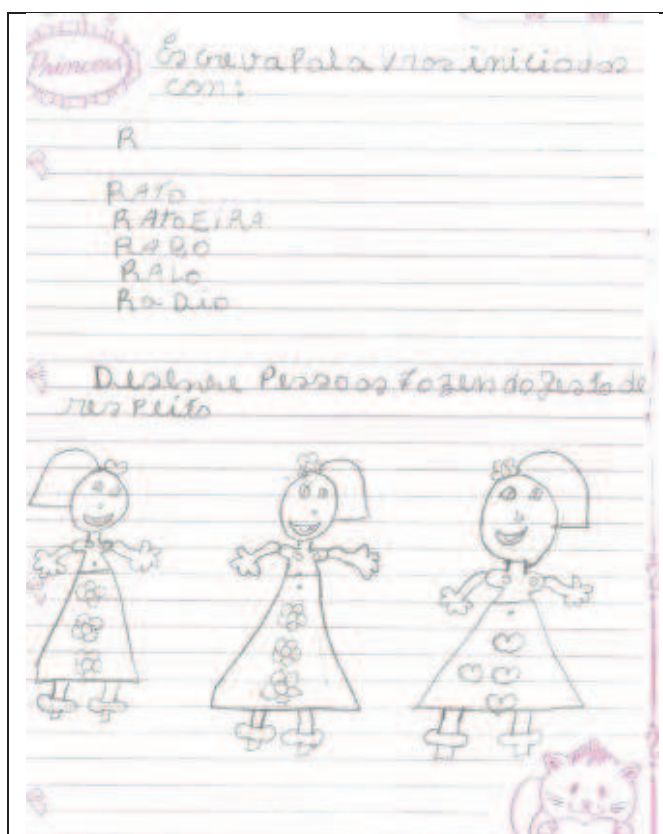
- Contexto-1:

A aula foi introduzida com acolhida rotineira, já descrita anteriormente, em seguida aconteceu à correção das atividades de casa. Após esse momento, a atividade proposta foi à escrita de palavras iniciadas com a letra “R”.

-Transcrição da atividade realizada no quadro pela professora

**Escreva palavras iniciadas com a letra: R.
Desenhe pessoas fazendo gestos de amizade.**

- Atividade original elaborado pela AL1



AL1 (sexo feminino, 8 anos)

Ao termino desta atividade, aconteceu a leitura individual das palavras produzidas pelos alunos, como podemos observar no diálogo abaixo.

- P** O que seu desenho está representando?
AL1 Elas três estão sendo amigas! tá brincando amigas.

Nesta atividade, não foi possível recolher a amostra das atividades dos alunos **A12** e **A13**, utilizamos tal atividade, como uma ferramenta para a análise da prática utilizada pela professora e vivenciada pelas crianças na sala de aula, onde destacamos: a transcrição de questões no quadro, produção livre de palavras tendo como critério a letra inicial “R”, a produção livre de desenho e a exploração da oralidade.

Em relação a escrita das palavras exigida pela professora pode-se constatar que tal atividade está voltada somente para a grafia das palavras, não envolve o letramento, tratando-se de palavras soltas, sem significados para as crianças, é uma prática onde não se apresenta nenhum critério de escrita, a não ser a letra “r”, não permitindo uma reflexão sobre o que está sendo produzido, se tratando assim de uma atividade mecânica, onde nem se quer as palavras fazem parte de um mesmo campo semântico, para uma maior compreensão por parte dos alunos. Podemos dizer que, trata-se de uma escrita que não existe fora da escola, estando direcionada apenas para a “codificação” de palavras.

Dando sequência, a professora traz uma questão interessante, quando a partir do desenho a criança pode imaginar e criar uma cena de seu cotidiano, relacionando outros conhecimentos e situações já vivenciados por ela, retratando o que ela compreende por atitudes de respeito, relatando oralmente essa experiência desenvolvendo também a oralidade, sendo esta uma oportunidade de resgatar oralmente o conhecimento de mundo que o aluno tem e possibilitar que ele relacione o que aprende na escola com vivências de seu cotidiano atribuindo sentido a aprendizagem de sala de aula.

AULA Nº 4: Data da coleta: 23/10/2012

Contexto -1.

A professora deu início a aula com acolhida, seguida da correção das tarefas de casa. A atividade realizada foi proposta por nós (**Ap**), onde pedimos licença para a realização de tal.

Apresentamos aos alunos a fábula: A raposa e a cegonha. Levantando o conhecimento prévio dos mesmos, sobre o enredo da história e sobre a estrutura do gênero textual utilizado. Em seguida deu-se início a leitura realizada pela **Ap**.

- (*Gênero textual: Fábula - A raposa e a cegonha, utilizada pela Ap.*)

A raposa e a cegonha

Dizem que houve um tempo em que os animais falavam. Então, uma raposa convidou sua vizinha cegonha para um jantar. Pôs sobre a grama dois pratos e serviu o jantar delicioso. Num instante, a raposa devorou tudo o que havia em seu prato e perguntou à cegonha se estava gostando.

___ Como? _ perguntou a cegonha. _ Com este bico que tenho não consigo comer num prato raso.

___ Ótimo! _ falou a raposa. _ Assim, posso comer também o que está em seu prato, pois a comida está uma delícia.

Em outra ocasião, a cegonha é que convidou sua vizinha raposa para um jantar. Na hora de servir, a raposa estava esperando uma vingança. Mas ficou surpresa quando viu que a cegonha tinha reservado dois recipientes diferentes: para a raposa, um prato; para si, um vaso em que podia encaixar seu longo bico. Assim, as duas comeram satisfeitas e conversaram até o amanhecer.

A cegonha demonstrou respeito para com a raposa. Não foi egoísta nem vingativa, preparando o alimento e colocando-o em um prato fundo, assim, a raposa pode degustar o belo jantar. Imagine você, se a cegonha colocasse a comida em um jarro estreito e fundo. Como a raposa poderia comer?

Adaptação

Durante a leitura, foram realizados vários questionamentos, buscando envolver as crianças no enredo da história e instigando sua curiosidade sobre o desenrolar dos fatos.

Após a leitura, foram realizadas discussões sobre a história e sua estrutura, explorando ao máximo a compreensão e reflexão sobre os fatos ocorridos e a temática abordada pelo mesmo, seguida de diálogo sobre a atividade a ser desenvolvida, que foi a produção realizada pelas crianças de uma fábula, onde os mesmos poderiam criar outra história diferente da que lhes foi apresentada, porém as crianças optaram por reescreverem a fábula que haviam ouvido.

Diálogo da Ap com os alunos:

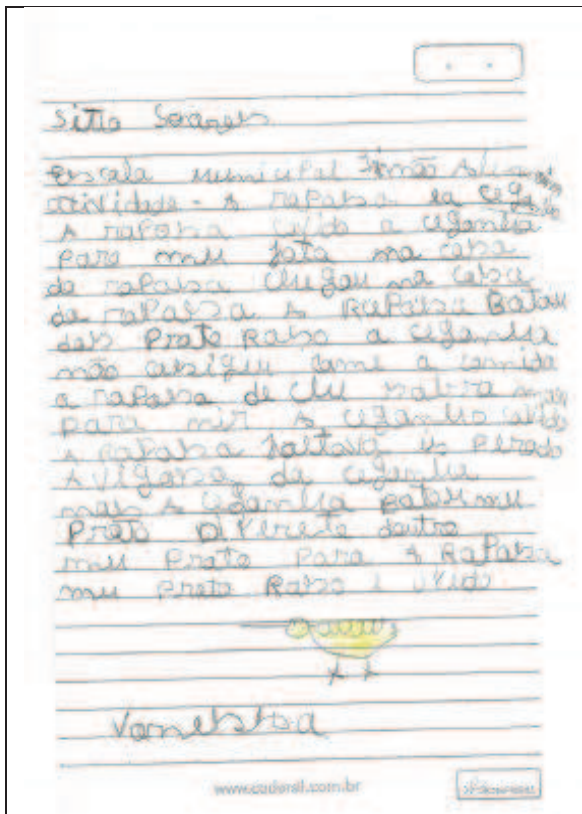
AP Crianças, prestem bastante atenção! A partir da leitura que ouvimos vocês vão escrever com suas palavras uma “fábula” com as características da que ouvimos.

A12 Pode desenhar?

Ap Claro!

Ap Crianças! Façam uma ilustração bem bonita que represente suas fábulas.

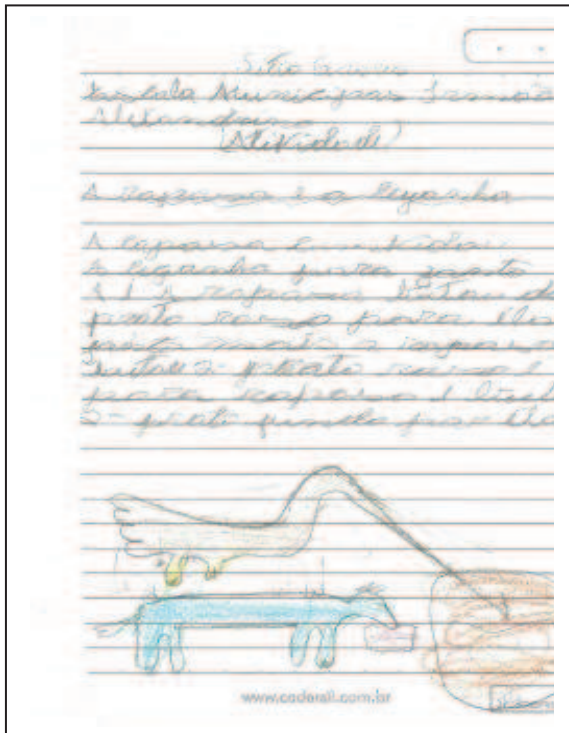
(Atividades realizadas pelos alunos A1, A2 e A3)



A raposa e a cegonha

A raposa covida a cegonha
para mu jata na casa
da raposa chegou na casa
Da raposa A Raposa Botou
dos prato raso a cegonha
não coesigiu come a comida
a raposa de ceu sobra mas
para nir A cegonha covida
A Raposa jaetava is perado
A vigasa da cegonha
Naes A cegonha Botou um
Prato Diferete doutro
mu prato para A Raposa
mu prato Raso e u fudo

A11 (sexo: feminino, 8 anos)



A raposa e a cegonha

A raposa comvidou
A cegonha para janta
A i A raposa butou dois
Prato raso para élas
Janta mais a raposa
butou 2- prato raso é
Para raposa e boelou
2- prato fundo por ela

A12 (sexo: masculino, 8 anos)



A raposa e a cegonha

a raposa com vidou a cegonha
e a raposa comeu todo e foi comer
o da cegonha

A13 (sexo: masculino, 9 anos)

Após a realização das tarefas, foi promovida a socialização das produções das crianças, valorizado o trabalho de cada uma delas, onde apresentaram oralmente seus textos, e ilustrações explicando o que representavam, foi um momento muito rico, onde os alunos sentiram-se parte do processo de ensino aprendizagem sentindo-se motivados na realização de cada etapa da atividade.

Dentre as práticas utilizadas para a realização desta aula é possível destacar as seguintes: leitura compartilhada, exploração da oralidade através de rodas de conversa, resgate do conhecimento prévio dos alunos, produção escrita e socialização das atividades para o grupo que se deram individualmente.

A partir da vivência da aula descrita acima, foi possível observar o envolvimento das crianças com a leitura, ouvindo atentos e participando da história, quando em meio à leitura questionávamos sobre o que iria acontecer envolvendo-as assim na narrativa, percebemos que ao mesmo tempo em que sentiam curiosidade sobre o que viria a acontecer, eram instigadas a refletir sobre determinadas situações dentro da história encontrando soluções e levantando hipótese sobre os acontecimentos ao longo da leitura, compreendendo também a sequenciação da narrativa.

As crianças optaram por reescrever a fábula que ouviram, talvez por terem participado de forma instigante da leitura, é possível observar que quando criamos situações de produção, em que os alunos encontram sentido sentem-se mais estimuladas em realizar a atividade, pois sentem prazer ao escrever.

Podemos perceber grandes mudanças na escrita dos alunos: **AI1**, **AI2** e **AI3** que em vez de palavras soltas, em sua produção, é possível identificar uma idéia coerente, uma sequenciação lógica de fatos que ocorrera na historia, o que nos reforça a idéia que o trabalho em sala de aula, não deve está voltada apenas para a aquisição do sistema alfabético, como vivenciamos na **aula 3**, mas centrado em práticas que fazem sentido para as crianças, onde se sintam estimuladas a aprender e a produzir com as determinadas orientações e mediação do professor, pois ele constitui-se como “interlocutor do aluno” (Porto, 2009), possibilitando o contato da criança com os diversos veículos textuais e permitindo que o aluno participe de seu próprio processo de aprendizagem de forma ativa e dinâmica.

3.2 CONVERSA INFORMAL ENTRE ALUNA PESQUISADORA, PROFESSORA E OS TRÊS ALUNOS DA ESCOLA PESQUISADA.

Afim de uma melhor compreensão das práticas utilizadas em sala de aula pela professora buscamos através de uma conversa informal, tanto com ela quanto com os alunos **AI1**, **AI2** e **AI3**, identificar algumas das atividades desenvolvidas no contexto escolar, bem como as experiências vivenciadas pelas crianças fora desse ambiente, envolvidas em práticas letradas, observando, inclusive se essas vivências contribuem para o desenvolvimento linguístico das crianças em sala de aula. Vejamos, conforme os dois quadros abaixo:

Quadro-1: Conversa informal entre a aluna pesquisadora (**Ap**) e a professora (**P**) da sala pesquisada

(Coleta realizada em, 19 / 10 /2012)	
Perguntas	Respostas
Ap: Você sente alguma dificuldade no processo de aquisição da linguagem e da escrita de seus alunos?	P: Não! Não encontro nenhuma dificuldade, desde o começo do ano busco trabalhar esses aspecto com meus alunos. A leitura é meu principal objetivo.

<p>Ap: Como você envolve o letramento, em sua pratica em sala de aula?</p>	<p>Praticamente todos já estão alfabetizados.</p> <p>P: Utiliza vários gêneros textuais como: conto, bilhete, revista, lendas... Além de rodas de leitura, e empréstimo de livros para que as crianças possam ler em casa.</p>
---	---

Quadro-2: conversa informal entre a aluna pesquisadora (**Ap**) com os alunos **A1** (7 anos feminino), **A2** (masculino 8 anos) e **A3** (masculino 8 anos)

(Coleta realizada em, 19 / 10 /2012)	
Perguntas	Respostas
<p>Ap: Você gosta de ler? Por quê?</p>	<p>A1: “Sim... Por que é importante pra ficar sabendo das coisa”.</p> <p>A2: “Gosto! Por que é pra aprender mais melhor”.</p> <p>A3: “Sim! Só não gosto de texto grande.”</p>
<p>Ap: O que você lê na escola?</p>	<p>A1: “Livros, livro de história em quadrinhos, os textos que /.../ ler.”(<i>cita o nome da professora</i>)).</p> <p>A2: “Livrinho, tarefas, a capa dos livros, textos...”</p> <p>A3: “Os livrinhos, livro de atividade...”</p>
<p>Ap: Em casa, o que você lê?</p>	<p>A1: “Revista de jóias, vê os preços, bíblia o livrinho da primeira comunhão de /.../”(<i>cita o nome de seu irmão mais velho</i>)).</p> <p>A2: “Ler o livro de alfabetização, ler o livro de /.../” (<i>cita o nome da irmã</i>)).</p> <p>A 3: “livrinhos, as tarefas...”</p>
<p>Ap: Você vê alguém de sua casa lendo? Quem?</p>	<p>A 1: “Vejo! /.../”(<i>cita o nome de seu irmão mais velho</i>)).</p> <p>A 2: “Sim! /.../ e /.../”(<i>cita o nome de suas duas irmãs</i>)).</p> <p>A 3: “Sim! Minha irmã”</p>
<p>Ap: E o que ele/ela/ eles/elas lêem?</p>	<p>A 1: “Os dever da escola dele.”</p> <p>A 2: “Lê historia, ensina a tarefa.”</p> <p>A 3: “Os dever dela, livro, revista...”</p>

3.2.1 O processo de aquisição da linguagem e da escrita do aluno, no dizer da professora

Segundo a professora da turma de 2º ano, com a qual foi realizada a pesquisa, as condições que o espaço oferece não são favoráveis à aprendizagem, porém não encontra outras dificuldades no processo de alfabetização de seus alunos, afirma que desde o começo

do ano letivo seu objetivo foi promover situações em que os alunos desenvolvessem a capacidades de leitura e escrita.

Através da fala da professora, podemos perceber seu empenho para a promoção do desenvolvimento da aquisição da leitura e da escrita de seus alunos, porém através de nossa observação identificamos que esse trabalho se dá, a partir de práticas tradicionais que não levam o aluno a refletir nem compreender esse processo o que se reflete em suas produções escritas que traduzem práticas com as quais estão acostumados, resumidas em frases e palavras soltas.

Quando questionada sobre as práticas que utilizava para promover o contato e o desenvolvimento das crianças com a leitura e a escrita, a **P** afirmou utilizar rodas de leitura, empréstimos de livras para leitura em casa, além do trabalho com diversos gêneros textuais como bilhete, revista, provérbios dentre outras, sempre enfocando a leitura e a escrita.

A partir dessas afirmações da professora podemos perceber em suas palavras seu empenho e comprometimento com o desenvolvimento linguístico de seus alunos, porém, apesar de trabalhar a partir de diversos gêneros textuais, explora-se pouco sobre suas funções sociais, dando ênfase apenas a aquisição da leitura e a escrita.

3.2.2 O que lê um aluno do 2º ano dentro/fora da escola

Quando os alunos foram questionados se gostavam de ler, responderam que sim, porém o **AL3** esclareceu que não gostava de textos compridos, o que nos deu a entender que suas respostas não estavam se referindo ao prazer de ler e ouvir histórias e outros tipos de textos, simplesmente por que é prazeroso, afirmavam gostar de ler pelo fato de que é através dessa prática que se aprende mais e melhor.

A partir de tais repostas podemos identificar que foi introjetada essa visão nos alunos, de que devemos ler para termos mais conhecimento e assim aprender mais, como observamos nas falas das crianças, porém é necessário mostrar que a leitura, além de uma ponte para o conhecimento, também é uma fonte de diversão e prazer e que tem um sentido e uma função social. Deve-se promover e criar com o aluno uma imagem agradável e prazerosa da leitura, mais não impor como obrigação ou requisito para a aprendizagem, pois é a partir de tal visão que a criança constrói aversão por essa prática tão rica que é a leitura.

Quando questionados sobre o que liam na escola, percebemos nas falas dos alunos que não demonstravam conhecimentos dos diferentes gêneros textuais que a professora afirmou utilizar em sala, referindo-se apenas aos “textos” lidos por ela, o que nos deu a entender que não acontecia em sala, uma exploração desses textos que visasse tanto à compreensão de tais gêneros pelos alunos, como a familiarização dos mesmos.

Identificamos também através das falas dos alunos, que ambos têm como exemplo seus irmãos, que mesmo de forma sucinta, servem de incentivo a eles mesmos pelo simples fato de observá-los de alguma forma tendo contato com a escrita, uma vez que a criança desperta o gosto e o hábito de ler também pelo exemplo e contato que tem em casa com essa prática.

Através das respostas dos alunos identificamos também que quase não têm acesso à leitura e a escrita em casa, sendo assim a escola para essas crianças o lugar por excelência, onde têm contato com diferentes portadores de textos que devem ser explorados ao máximo a fim de suprir a lacuna que a maioria delas possui em relação ao aspecto linguístico, porém devemos saber que cada um traz sua parcela de conhecimento que não deve ser desprezado em sala de aula, mas explorado em consonância com o contexto escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desse estudo foi possível obter uma maior compreensão tanto dos conceitos de alfabetização e letramento, como da prática realizada em sala de aula de 2º ano dos anos iniciais, sobretudo porque foi possível atingir o objetivo pretendido - *Compreender como se dá o processo de ensino aprendizagem, através de práticas de alfabetização/letramento, e como estas contribuem para o desenvolvimento de alunos do 2º ano dos iniciais*. Onde foi possível identificar através de observações e da análise de atividades aplicadas às crianças, práticas pedagógicas utilizadas segundo a professora, como:

[a] *Transcrição de texto no quadro.*

[b] *Produção do gênero escrito na visão do aluno (de texto, palavras, desenho).*

[c] *Questionamento oral sobre o conteúdo dado.*

[d] *Leitura individual realizada pelo aluno.*

[e] *Uso do recurso DVD.*

Constatamos que essas práticas apontadas acima influenciam, no processo de ensino aprendizagem dos alunos, vez que podem tanto promover quanto limitar o desenvolvimento dessas crianças.

Observamos na prática da professora grande empenho em relação à aquisição da leitura e escrita de seus alunos, visto que a maioria das atividades propostas não demonstrava outros objetivos, sendo voltada apenas para o que Rojo nos autoriza a chamar de *decodificação e codificação*, limitando as crianças de desenvolverem-se cognitivamente, uma vez que não lhes eram apresentadas as devidas situações de aprendizagem.

Podemos comprovar tal visão a partir das atividades realizadas pelas crianças retratando apenas um amontoado de palavras e frases soltas sem sentido e significados, o que de fato é resultado dos resquícios de uma aprendizagem tradicional e desconectada da compreensão e reflexão das práticas letradas, onde o aluno não tem claro o que está escrevendo, para quê, nem para quem, acarretando dessa forma grandes dificuldades em torno da compreensão e produção da linguagem oral e escrita, promovendo-as consigo para a série posterior, onde conseqüentemente enfrentará grandes dificuldades para superá-las.

Com nossa intervenção, no desenvolvimento das atividades em sala de aula, foi possível comprovar com maior clareza, que é através das práticas pedagógicas e, sobretudo, da devida intervenção do professor que se constrói, juntamente com os alunos um efetivo processo de ensino aprendizagem, promovendo o desenvolvimento linguístico dos mesmos,

Nesse contexto, para um efetivo trabalho pedagógico, que vise o desenvolvimento dessas crianças, o professor deve promover o contato delas, com a pluralidade de manifestações em que a linguagem aparece. Através de gêneros textuais e situações reais onde possam tanto através da escrita como da oralidade questionar, refletir, socializar, ou seja, construir conhecimentos a partir de práticas reais e que fazem sentido, superando possíveis dificuldades em relação ao ensino aprendizagem em sala de aula.

A partir das reflexões a cerca desta pesquisa, foi possível percebermos a indissociabilidade de que nos fala Tfouni entre os conceitos de alfabetização e letramento, bem como a necessidade de se fazerem presentes nas vivências de sala de aula. Compreendendo suas especificidades e, sobretudo a grande importância do educador, que precisa conhecê-los para que, na prática possa de fato, efetivar tais propostas, preparando seus alunos no trabalho com as práticas letradas, formando leitores críticos, que além de ler e escrever compreende e faz uso dessa escrita.

Sabemos que não é fácil, reconstruir uma prática a qual já conhecemos e estamos acostumados, porém é preciso repensar práticas tradicionais que não despertam o interesse dos alunos, e ao mesmo tempo, refletir novas estratégias que venham a promover um ensino aprendizagem de qualidade, pautados na teoria e prática, que, assim como alfabetização e letramento, também são indissociáveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. 11. Ed. São Paulo: PAPIRUS, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação e do desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP)**. Língua Portuguesa. Brasília. 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Programa de Formação Continuada de Professores dos anos/séries iniciais do Ensino Fundamental (pré-letramento)**. Alfabetização e linguagem. Brasília, 2008.

CAFIERO, Delaine. Letramento e leitura: formando leitores críticos. In: RANGEL, Egon de Oliveira, ROJO, Roxane H. Rodrigues (Coord.). **Língua portuguesa: ensino fundamental**. Brasília: MEC/SEB, 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário do século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. 19ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GREGORIN F, José Nicolau. **Literatura Infantil: Múltiplas linguagens na formação de leitores**. São Paulo: Melhoramento, 2009.

KLEIMAN, Ângela B. **Preciso “ensinar” o letramento?** Linguagem e Letramento. UNICAMP, 2005.

LEMLE, Miriam. **Guia Teórico do Alfabetizador**. 15ª ed. São Paulo. Ática. 2003.

- MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1999.
- MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e letramento**. São Paulo: UNESP, 2004.
- MACIEL, Francisca Isabel Pereira. **Alfabetização e métodos ou métodos de alfabetização?** Revista Educação – Guia Alfabetização nº 2 CEALE. Segmento.
- PORTO, Márcia. **Um diálogo entre os gêneros textuais**. 1. Ed. Curitiba: AYMARÁ, 2009.
- ROJO, Roxane. **Letramento múltiplos, escola e inclusão social**. 1. Ed. São Paulo: Parábola, 2009.
- SABER, Maria da Gloria. **A escrita Infantil: O caminho da construção**. São Paulo: Scipione, 2009.
- SILVA, Ezequiel Teodoro da. **Elementos de pedagogia da leitura**. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- SOARES, Magda. **Letramento: Um tema em três Gêneros**. 4. Ed. Belo horizonte: Autentica 2010.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento: Caminhos e descaminhos**. Revista Pátio n.29 fev/abr 2004.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.
- TFOUNI, Leda V. **Escrita Alfabetização e letramento**. 6. Ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- TFOUNI, Leda V. **Letramento e alfabetização**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- VASCONCELOS, M^a Lúcia M. Carvalho, BRITO, Regina Helena Pires de. **Conceitos de educação em Paulo Freire: glossário**. 2. Ed. São Paulo: Vozes, 2006.